



PRÁTICAS ESCOLARES A PARTIR DO ACERVO JOÃO PENTEADO (NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA COMPARADA)

Tatiana da Silva Calsavara
Universidade de São Paulo, Brasil
tcalsavara@gmail.com

Carmen Sylvia Vidigal Moraes
Universidade de São Paulo, Brasil
moraescs@usp.br

Angela Rabello Maciel de Barros Tamberlini
Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Brasil
angmlini@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discutir a experiência da Escola Oficina No. 1 de Lisboa, em Portugal, na perspectiva da história comparada. A Escola Oficina No. 1 foi criada em 1905 pela Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas como uma escola de ofícios, por maçons, republicanos e anarquistas. O seu principal propósito era atingir alunos de bairros operários, dando início a um projeto associado ao princípio da educação integral. Busca-se compreender as singularidades da experiência da escola oficina No. 1 em comparação com a Escola Moderna de São Paulo, organizada em 1912 por associação de trabalhadores anarquistas. Um dos principais objetivos do texto consiste em apontar semelhanças e aspectos que as diferenciavam, dentro do contexto histórico no qual surgiram e atuaram. O estudo baseia-se no levantamento bibliográfico em torno das duas escolas, assim como de outras experiências libertárias do período, com consulta aos documentos do Acervo João Penteado e da Escola Oficina No. 1.

Palavras-chave: Educação libertária. Trabalho. Práticas escolares. Escolas anarquistas e escolanovismo.

PRÁCTICAS ESCOLARES DE LA COLECCIÓN JOÃO PENTEADO (DESDE LA PERSPECTIVA DE LA HISTORIA COMPARADA)

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo discutir la experiencia de la Escuela Taller No. 1 de Lisboa, en Portugal, desde la perspectiva de la historia comparada. La Escuela Taller No. 1 fue creada en 1905 por la Sociedad Promotora de Asilos, Guarderías e Escuelas como una escuela de oficios, por masones, republicanos y anarquistas. Su objetivo principal era llegar a los estudiantes de barrios de trabajadores, comenzando un proyecto asociado con el principio de la educación integral. Busca comprender las singularidades de la experiencia de la Escuela Taller No. 1 en comparación con la Escuela Moderna de São Paulo, organizada en 1912 por la Asociación de trabajadores anarquistas. Uno de los objetivos principales del texto es señalar similitudes y aspectos que las diferenciaron, dentro del contexto histórico en el que emergieron y actuaron. El estudio se basa en la revisión bibliográfica alrededor de las dos escuelas, así como en otras experiencias libertarias de la época, con consulta a los documentos de la Colección João Penteado y de la Escuela Taller No. 1.



Palabras clave: Educación libertaria. Trabajo. Prácticas escolares. Escuelas anarquistas y escolanovismo.

SCHOOL PRACTICES BASED ON THE JOÃO PENTEADO COLLECTION (IN THE PERSPECTIVE OF COMPARATIVE HISTORY)

ABSTRACT

This paper aims to discuss the experience of the Workshop School No. 1 (ESCOLA OFICINA N. 1) in Lisbon, Portugal from the perspective of comparative history. The Workshop School No. 1 was established in 1905 by the Society Promoting Asylums, Nurseries and Schools as a trade school by Masons, Republicans and anarchists. Its main purpose was to reach students from working-class neighborhoods, initiating a project associated with the principle of integral education. We seek to understand the singularities of the experience of the workshop school No. 1 in comparison with the Modern School of São Paulo, organized in 1912 by an anarchist workers' association. One of the main objectives of the text consists in pointing out similarities and also aspects that differentiated them, within the historical context in which they emerged and acted. The study is based on the bibliographical survey around the two schools, as well as other libertarian experiences of the period, and also on the consultation of documents from the João Penteado Collection and the Workshop School No. 1.

Keywords: Libertarian Education. Labor. School Practices. Anarchist Schools and New School.

PRATIQUES SCOLAIRES DE LA COLLECTION JOÃO PENTEADO (DANS UNE PERSPECTIVE D'HISTOIRE COMPARÉE)

RÉSUMÉ

Cet article vise à discuter de l'expérience de l'École-atelier n°1 à Lisbonne, au Portugal, du point de vue de l'histoire comparée. L'École Atelier n°1 a été créé en 1905 par la Société de Promotion des Asiles, des Crèches et des Écoles en tant qu'école professionnelle, par des maçons, des républicains et des anarchistes. Son objectif principal était de toucher les élèves des quartiers ouvriers, en amorçant un projet associé au principe de l'éducation intégrale. Il cherche à comprendre les singularités de l'expérience de l'École Atelier n° 1 par rapport à l'École Moderne de São Paulo, organisée en 1912 par une association ouvrière anarchiste. L'un des principaux objectifs du texte consiste à mettre en évidence les similitudes et aussi les aspects qui les différencient, dans le contexte historique dans lequel ils sont apparus et où ils ont agi. L'étude se base sur l'enquête bibliographique à propos de ces deux écoles, ainsi que d'autres expériences libertaires de l'époque, et aussi sur la consultation de documents de la Collection João Penteado et de l'École Atelier n°1.

Mots-clés: Éducation libertaire. Travail. Pratiques scolaires. Écoles anarchistes et École Nouvelle.



INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo discutir a experiência da Escola Oficina No. 1 de Lisboa, Portugal, em perspectiva histórica e comparada, optando-se assim por um duplo campo de observação. Busca-se compreender as peculiaridades, singularidades da experiência da escola oficina No. 1 em comparação com a Escola Moderna de São Paulo, dirigida pelo educador João Penteadó. Entre os principais objetivos destaca-se o de apontar semelhanças e também aspectos que as diferenciavam, dentro do contexto histórico no qual estavam situadas. A Escola Oficina No. 1 foi criada em 1905 pela Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas como uma escola de ofícios, por maçons, republicanos e anarquistas. A princípio, tinha como objetivo formar artesãos, mas logo abriu-se para novas experiências pedagógicas. O objetivo era atingir alunos de bairros operários, dando início a um projeto associado ao princípio da educação integral.

Recebeu influência do movimento anarquista, em ascensão em Portugal no início do século XX, e também dos modelos educativos da Educação Nova e dos Métodos Ativos. Em Portugal, parece ter havido aproximação entre a concepção anarquista de educação e a Escola Nova. Para Candeias esta aproximação fez germinar um modelo educativo específico e original que se apresenta como um caso singular, destacando-se inclusive pela abundância de documentação e de fontes que possui. Modelos educacionais como esse sofriam com a perseguição das autoridades fossem elas religiosas ou estatais e, por diversas vezes, os documentos elaborados eram destruídos.

O estudo baseia-se no levantamento bibliográfico a respeito das duas escolas, assim como de outras experiências libertárias do período, e na consulta às fontes documentais do acervo de João Penteadó (CME/FEUSP), em São Paulo, e da Escola Oficina No. 1, no Arquivo Nacional, em Lisboa. Na busca de respostas pertinentes ao nosso objeto, recorreu-se à valiosa obra de Antonio Candeias, *Educar de outra forma: A Escola Oficina No. 1 de Lisboa. 1905-1930* (Tese de doutoramento), localizada entre as fontes pesquisadas.

Segundo Adolfo Lima, um dos fundadores e professor da Escola Oficina, para melhor educar a criança seria necessário primeiro compreender as leis de seu desenvolvimento psicológico, afetivo, mental e físico, com a finalidade de adaptar o aprendizado aos diversos estágios do seu desenvolvimento. Como muitos outros educadores libertários, Adolfo Lima deixou inúmeras publicações sobre educação criticando o sistema de ensino vigente e propondo mudanças. Para ele, o ensino clássico e o ensino profissional refletiam bem o conflito social: o ensino clássico, voltado para as elites e o profissional, para os pobres. Assim como João



Penteado, Adolfo Lima denunciou esta dualidade do ensino como uma das responsáveis pela manutenção da “organização social de castas econômicas”. Para ambos, a alternativa estaria na Educação Integral, em uma escola única, ou seja, um programa de ensino que unificasse os aspectos manuais da educação com os aspectos intelectuais, científicos, clássicos e artísticos. A preocupação com a educação e o trabalho estão presentes nas propostas de ambas as escolas. Percebe-se a preocupação com a formação para o trabalho, mas sempre de forma articulada ao conceito de educação integral.

A principal referência para entender a experiência da Escola Oficina Número 1 é a pesquisa de Antonio Candeias, já mencionada, que resultou na tese de doutoramento *Educar de outra forma: A Escola Oficina n.º 1 de Lisboa, 1905-1930* em dois volumes, além de outros documentos que se encontram no Arquivo Nacional. A documentação é constituída por fontes de naturezas diversas: atas da direção da escola, do conselho escolar, da assembleia geral, contratos com professores, inquéritos e processos de sindicância dos docentes, correspondência, registro de legados e donativos, relatórios de contas, orçamentos e contas de gerência, partituras manuscritas e impressas, peças de teatro, emissões do clube radiofónico de Portugal, caderneta de fichas de biblioteca, publicações impressas, boletim da escola, revista pedagógica "Educação", recortes de imprensa, fotografias, boletins médicos de alunos, carimbos, arquivo democrático, diário do governo, impressos vários, documentos e genealogias, *cronologie des arts graphiques*, publicações impressas sobre a Grande Guerra, artigos publicados por António Candeias, correspondências entre outros.¹

O objetivo central da pesquisa de Candeias consiste na análise detalhada, entre os anos de 1905 e 1930, da vida da Escola Oficina N° 1, criada em Lisboa pela Sociedade Promotora de Asilos Creches e Escolas, uma organização de carácter maçônico. Essa relação entre a maçonaria e a fundação de escolas anarquistas é um ponto a ser investigado, já que o mesmo ocorre em São Paulo quando da fundação da Escola Moderna No. 1. Dentro deste objetivo geral, destaca-se, a análise da forma como se deu a mudança de um modelo educativo tradicional para um modelo educativo libertário. Candeias busca compreender a vivência do cotidiano escolar por meio dos planos curriculares, do processo de ensino e aprendizagem, de outros procedimentos pedagógicos, como critérios de avaliação, participação e autonomia dos alunos, normas disciplinares, e quais seriam os conteúdos específicos de um modelo educativo libertário. Finalmente, questiona as potencialidades desta concepção e forma de praticar a educação, em termos do presente e do futuro.

¹ Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=5770079>



Entre as contribuições de Candeias, está a relação desta experiência educativa com o campo do que genericamente se denominou de Educação Nova. As conclusões de Candeias realçam a especificidade deste modelo educativo conseguindo mostrar como, em termos gerais a Educação era encarada e praticada pelos pedagogos da Escola Oficina N° 1, destacando a liberdade individual e a autonomia por parte da criança, sem deixar de lado um grande rigor no processo de aprendizagem, assim como na promoção de atitudes que enfatizassem a justiça social, o respeito e a tolerância.

HISTÓRIA COMPARADA: JOÃO PENTEADO, ADOLFO LIMA E A EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA EM SÃO PAULO E LISBOA NO INÍCIO DO SÉCULO XX

No final do século XIX, o anarcosindicalismo começa a tomar forma influenciado pelas ideias de Bakunin, levando à formação de associações de resistência, de caráter revolucionário. O anarcosindicalismo ganha espaço no movimento operário e, no Brasil, será a principal influência até meados dos anos 20.

Francisco José Cuevas Noa² define o anarcosindicalismo como um sindicalismo de ideias anarquistas baseado na ação direta como estratégia sindical e na negação do colaboracionismo entre organizações sindicais, por um lado, e patrões e Estado, por outro. Cuevas ainda ressalta que, para algumas correntes libertárias, o anarcosindicalismo ou sindicalismo revolucionário prefigura a sociedade futura revolucionária com sua estrutura federal e autogestionária e que, para torná-la realidade, usa métodos como a greve geral e a insurreição. Segundo outras correntes, porém, consistiria apenas no primeiro passo organizativo, com grandes riscos de ficar reduzido a lutas reformistas.

É neste contexto que surgem as escolas libertárias, conhecidas também como escolas modernas e racionalistas. Entre essas escolas que, como a de São Paulo, contam com experiências pedagógicas libertárias concretas, estão a Escola de Iasnaia Poliana, fundada na Rússia por Tolstoi, a Escola Oficina no. 1, em Portugal, dirigida por Adolfo Lima, La Ruche, fundada na França por Sebastien Faure, Orfanato Prevóst em Cempuis, dirigido por Paul Robin, e a Escola Moderna de Barcelona, fundada por Francisco Ferrer. Apesar de a Escola Moderna de Barcelona ser a mais conhecida e divulgada como experiência de educação libertária, as demais escolas também merecem reconhecimento e atenção dos pesquisadores da educação.

² Disponível em: <https://periodicohumanidad.files.wordpress.com/2009/01/francisco-cuevas-noa-anarquismo-y-educacion.pdf>



Aqui destacamos as semelhanças entre a Escola Oficina No. 1, em Portugal, e a Escola Moderna de SP.

A Escola Oficina, criada em 1905, recebeu influência do movimento anarquista em ascensão em Portugal no início do século XX, e também da Escola Nova e dos Métodos Ativos. O cruzamento entre a crítica social anarquista, a ação direta e os seus projetos autônomos de conceber a ação política, assim como a crença de que uma nova sociedade só poderia ser construída através de pessoas que tivessem sido educadas de forma não tradicional, levam à convicção de que a liberdade da criança no seu trajeto de formação era essencial. Nessa perspectiva, tal visão é coerente com a primeira vaga dos métodos e das teorias da educação nova, tal qual foram recebidos e interpretados em Portugal³.

Como pode ser observado, em Portugal parece ter havido uma aproximação entre a concepção anarquista de educação e a Escola Nova. Para Candeias, este cruzamento entre anarquismo e Educação Nova concebeu um modelo educativo específico e original, distante da visão mais recuada e estrita da Educação Nova, tal como era concebida por um Ferrère por exemplo, distante também da visão de educação que teria o anarquismo espanhol, através da figura de Ferrer, e longe também da não-diretividade influenciada pela psicanálise, representada por Alexandre Neill. Candeias chama este modelo educativo específico de “modelo educativo libertário” e considera a experiência da Escola Oficina No. 1 “um caso único, se não em Portugal, pelo menos em Lisboa, quer devido ao tempo de duração, quer devido à solidez das suas concepções pedagógicas”.⁴ Comparando-a também às experiências conhecidas a nível europeu, ele apresenta a Escola Oficina como um caso singular, talvez pela abundância de documentação e de fontes que permitiram, inclusive, uma pesquisa consistente sobre ela.

Adolfo Lima, figura significativa deste modelo, lecionou na Escola Oficina No. 1 de 1907 a 1914 e exerceu o papel de agente principal de sua implementação. De origem aristocrática, nasceu em Lisboa, em 1874. Simpatizante do anarquismo, segundo Candeias, passou a partilhar de suas ideias, de forma discreta, dedicando-se ao ensino.

Na concepção de Adolfo Lima, as aulas deveriam ocorrer em lugares adequados, higiênicos e confortáveis, sem o aspecto, que criticava nas escolas profissionais, de “jaulas apartadas da vida”, seu mobiliário deveria ser simples e cômodo, sem carteiras que “deformassem os corpos”. Professores e alunos deveriam ter a liberdade de escolher e ocupar os lugares que, em cada momento, fossem mais propícios ao seu trabalho e ao seu bem-estar.

³ Ver Candeias, Antonio. *Educar de outra forma: A Escola Oficina No. 1 de Lisboa. 1905-1930*. Porto, 1992. Tese de doutoramento.

⁴ Ver Candeias, 1992, p. II.



Candeias destaca que, tanto para Adolfo Lima como para os demais pedagogos libertários que trabalhavam com ele, a psicologia era a ciência que devia guiar o dia a dia educativo.

Adolfo Lima, assim como João Penteado, criticava a organização do sistema de ensino vigente e apresentou propostas para superá-lo. Para ele, o ensino clássico e o ensino profissional refletiam bem a desigualdade social: O ensino clássico era voltado para os ricos e o profissional para os pobres. Para ele, assim como para seus companheiros anarquistas, a nova sociedade, uma sociedade sem classes, só seria possível com a existência de pessoas que tivessem sido educadas para a liberdade, preparadas para tal liberdade, do contrário, seria extremamente perigoso, podendo dar origem a regimes autoritários. A educação, desta forma, era essencial no processo de construção de uma nova sociedade.

Autor de várias obras sobre educação, envolvendo estudos sobre o ensino de história, a formação para o trabalho, o teatro educativo entre outras questões, seus livros eram enviados para o Brasil através dos libertários e constavam das listas de livros indicados em jornais operários como *A Vida*, *A Plebe*, entre outros. Adolfo Lima foi também defensor da ação educativa do teatro, principalmente na educação primária. Tal preocupação o levou a produzir um livro sobre o tema: “*O Teatro na Escola*”, de 1914. Publicados também em 1914, constam “*Educação e Ensino – Educação Integral*” e “*O Ensino da História*”.

É importante notar que, no acervo do professor João Penteado, diretor da Escola Moderna de São Paulo, encontra-se um livro de autoria de João de Barros, “*A Escola e a República*”, no qual há um capítulo dedicado à experiência da Escola Oficina No.1, da qual faz a seguinte descrição: “Ali, no alto da Graça, dominando a cidade, lavada de ares, simples e acolhedora, ergue-se a Escola-Oficina no. 1, fruto já glorioso, triunfo já indestrutível de um trabalho obscuro e desinteressado”.⁵

João de Barros destaca o papel da Sociedade Protetora de Asilos, Creches e Escolas e a atuação dos irmãos Antonio e Adolfo Lima. Segundo o autor, os irmãos Lima foram “os verdadeiros organizadores, sob o ponto de vista pedagógico, da Escola-Oficina No. 1”⁶, cuja maior preocupação era a formação de crianças pobres, que “a escola lhes fornecesse um ofício que lhes permita ganhar o seu pão”, e, “ao mesmo tempo, lhes fornecesse aquela soma de conhecimentos gerais que se tornam já indispensáveis a toda a criatura que queira desempenhar, com honestidade e com decência, o seu papel de cidadão.”⁷ O autor relata ainda preocupação de Adolfo Lima com o método e a prática pedagógica, destacando que havia elaborado “uns

⁵ Barros, s/d, p. 99.

⁶ Barros, s/d, p. 99 e 100.

⁷ Barros, s/d, p. 100.



quadros históricos, sistematizados, em que, de uma maneira rápida, a criança adquire uma noção segura e clara, não dos nomes dos Reis e dos Imperadores, mas da evolução coletiva da humanidade. Esses quadros são ideados e inteiramente executados por Adolfo Lima”.⁸

A Escola Moderna de São Paulo, conhecida como Escola Moderna No. 1, foi, por sua vez, fundada em 1912 no Bairro do Belenzinho. Logo, em seguida, é aberta no Brás, a Escola Moderna No. 2. João Penteado e Adelino de Pinho eram os respectivos professores das escolas, sendo que o primeiro aparecia como diretor, responsável pelas duas. Elas foram fundadas a partir da criação de um Comitê Pró - Escola Moderna de São Paulo, do qual faziam parte: anarquistas, maçons e livre pensadores. A preocupação girava em torno da formação dos filhos de operários, da falta de escolas nos bairros onde residiam e da elevada taxa de analfabetismo. João Penteado é convidado a participar do projeto e vem de Jaú para São Paulo com o objetivo de dirigir a Escola Moderna No. 1. Em Jaú, já participava das manifestações operárias, era orador e escrevia na imprensa libertária. Seus irmãos, Joaquim e Sebastiana Penteado o auxiliam na tarefa educativa no bairro do Belenzinho. Além de Adelino de Pinho, Florentino de Carvalho também lecionou na Escola Moderna. Em 1913, João Penteado realiza uma série de viagens de propaganda e Florentino é convidado a dar as aulas e dirigir a escola em seu lugar. Ao retornar, Penteado retoma a direção da escola e envolve-se na formação de bibliotecas, do grêmio estudantil, de atividades culturais, como o teatro, a poesia e jogos cooperativos. Em setembro de 1914 foi publicado o primeiro número de “*O Início*”, Órgão dos alunos da Escola Moderna No. 1, e, em fins de 1918, foi publicado o primeiro “Boletim da Escola Moderna”, redigido pelos professores da escola, após inúmeras dificuldades encontradas pelos seus fundadores, João Penteado e Adelino Pinho. Instaladas no Brás e no Belenzinho elas deveriam atender aos filhos de operários, operários analfabetos e ainda aqueles que quisessem ter aulas de datilografia, português e aritmética, e que apoiassem o ensino racionalista. Chama a atenção, em “*O Início*”, as descrições de passeios públicos realizados pelos alunos acompanhados por seus professores. Os passeios, conhecidos como “estudos do meio”, eram explorados pedagogicamente. Através deles os alunos produziam textos, observavam as fábricas, o comércio, a condição de vida dos trabalhadores entre outros assuntos.

Esta rica experiência foi interrompida em 1919, quando se deu o episódio que levou ao fechamento da Escola Moderna em São Paulo. A partir das grandes greves de 1917 e 1919, a repressão tornou-se mais intensa e mais severa. Tal repressão acabou por atingir as Escolas Modernas, que foram sendo fechadas e seus professores fichados pela polícia. Em outubro de

⁸ Barros, s/d, p. 100 e 101.



1919 uma bomba explodiu no interior de uma casa, no Brás, o que provocou a morte de quatro anarquistas. Nesse acidente morreu José Alves, diretor da Escola Moderna de São Caetano. O fato foi aproveitado pela polícia e pelo governo para reprimir as atividades culturais e educativas dos libertários. O Diretor Geral da Instrução Pública de São Paulo alegou que as escolas não cumpriam as exigências legais de funcionamento.

Desse primeiro período, 1912 a 1919, destacam-se além do ensino racional, a coeducação de sexos, a criação de pequenas bibliotecas, os festivais escolares, conferências sobre temas diversos, recitativos de poesia, apresentações de cantos, músicas, hinos e peças teatrais. É possível identificar o desenvolvimento destas práticas após a reabertura da escola em 1920, mostrando a resistência do educador às investidas policiais. Percebe-se também nessa nova escola a realização de debates sobre temas muito caros à educação ainda nos dias de hoje, como autonomia, liberdade para aprender, educação integral, valorização da ciência, protagonismo do aluno, importância da leitura, de avaliações não classificatórias, formação para o trabalho levando em conta o ser humano como um todo, não apenas o saber fazer mas o compreender, ou seja, os libertários antecipam várias questões que hoje aparecem como “inovadoras” na prática pedagógica. A esse respeito, é interessante destacar como Candeias aponta, em sua tese, a possibilidade dessas experiências no presente, ou seja, a contemporaneidade da educação libertária:

Assim, a recontextualização dos processos de aprendizagem ligados a uma busca da compreensão do funcionamento do mundo e da sociedade onde as crianças existiam, tendo como pano de fundo um ambiente de liberdade e de descoberta, assente num rigor extremo na estruturação de tais aprendizagens, eis como podemos resumir as características fundamentais da maneira de ensinar que marcou a vida da Escola Oficina n.º 1 no período de tempo por nós assinalado. Permitimo-nos apenas assinalar a absoluta contemporaneidade destas formas de encarar a educação e as aprendizagens, o que nos mostra o papel fundador que esta e outras escolas do género assumiram desde o princípio deste nosso século.⁹

Ambas as escolas, foram instaladas em bairros operários e tinham a preocupação com a formação do trabalhador e de seus filhos, envolviam além do ensino regular a formação de ofícios, ligados ao trabalho na indústria ou ao comércio, oferecendo uma formação profissional para um público que não teria acesso senão por iniciativa dos próprios trabalhadores.

Além de Candeias, outros pesquisadores abordaram a importância da Escola Oficina na história das ideias pedagógicas em Portugal. Os estudos de Maria João Mogarro indicam, por

⁹ Disponível em: [http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/1698/1/AP%2011\(4\)%20447-463.pdf](http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/1698/1/AP%2011(4)%20447-463.pdf)



exemplo, que a Escola Oficina nº 1 protagonizou, nas duas primeiras décadas do século XX, uma experiência pedagógica alternativa e inovadora, assentada em um projeto libertário que promoveu a educação e autonomia dos seus alunos, oriundos de bairros operários, no sentido de lhes dar uma educação integral, embora com um enfoque na “escola oficina”, voltada para a preparação para o mundo do trabalho¹⁰.

Luiz Carlos Barreira, pesquisador brasileiro, apresenta resultados de sua análise do “Boletim da Escola-Oficina Nº. 1”, publicado em Lisboa, em 1918, em que destaca a presença de outros professores libertários, além de Adolfo Lima, no corpo docente dessa escola, dois anos após a sua abertura, como Emílio Costa e Deolinda Lopes Vieira (Pinto Quartim). Esses professores teriam sido os principais responsáveis por uma nova forma de educar, orientada por saberes e práticas de inspiração libertária, classificada por Candeias (1994) como “verdadeira revolução silenciosa no campo da educação escolar”.

O Boletim da Escola-Oficina Nº. 1 tornou-se objeto e fonte de fundamental importância para o conhecimento de algumas das práticas dessa singular instituição de ensino, apesar de ter sido editado por apenas um ano, entre janeiro e dezembro de 1918.¹¹

O formato assumido pelos Boletins é influência da escola Moderna de Barcelona, tendo sido também adotado por Penteado na Escola Moderna No. 1, e consiste em um registro de grande importância das práticas adotadas pela escola, de temas abordados pelos professores, dos eventos e datas que eram significativas, e revela a forte relação da escola com o movimento operário.

Já a pesquisa de Manuel Henrique Figueira tem por finalidade traçar um panorama global do processo de implantação do Movimento da Educação Nova em Portugal, no período de meio século compreendido entre 1882 e 1935. A análise aponta para o fato de que se, por um lado, a implantação deste movimento educativo inovador se fez de forma homóloga à seguida pelo seu homônimo internacional, isto é, através de instituições formais portadoras de um projeto de organização escolar estruturado de acordo com o ideário da Escola Nova, por outro lado, pretende indicar que o processo apresentou algumas especificidades, “consistindo a principal delas na materialização da implantação através de técnicas pedagógicas da Educação Nova - as Práticas Pedagógicas Inovadoras -, operacionalizadas de forma avulsa em várias escolas que não podem ser classificadas como Escolas Novas”.¹²

¹⁰ Maria João Mogarro. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v38n104/1678-7110-ccedes-38-104-63.pdf>

¹¹ Disponível em: <file:///C:/Users/tcals/Downloads/2220-6088-1-SM.pdf>

¹² Disponível em: <file:///C:/Users/tcals/Downloads/Dialnet-AEducaoNovaEmPortugal18821935-4061597.pdf>



Antonio Silva destaca a inovação do uso do teatro na escola. Embora lembre que as representações teatrais em estabelecimentos escolares nunca tenham definitivamente acabado, é com a revolução pedagógica iniciada pelo Movimento da Escola Nova que as atividades dramáticas, e as artes em geral, voltam a buscar um lugar de destaque na educação. Nessa direção, Adolfo Lima, na área da educação artística, vai valorizar, essencialmente, o teatro escolar. As atividades dramáticas escolares são por si fundamentadas e orientadas de acordo com os objetivos da Educação Nova. Assim, por seu papel ativo e pioneiro, há cerca de um século, na área do teatro escolar, Adolfo Lima pode ser considerado como o “pai” da expressão dramática e do teatro-educação em de Teatro Educativo. “A opção por valorizar a experiência sensorial e diminuir a tradicional ênfase sobre a memorização de conteúdos que seria uma das características marcantes das propostas pedagógicas do movimento da escola nova, foi uma constante no cotidiano da escola moderna do Belenzinho, dirigida por João Penteadó”.¹³ E assim como fizeram os anarquistas em suas iniciativas pedagógicas desde o século XIX, também introduziram o uso do cinema e do teatro na escola.

Para Luiz Carlos Barreira, percebe-se uma clara influência das “modernas teorias pedagógicas” que circulavam pela Europa àquela altura, quando se analisa o cotidiano da escola oficina e suas publicações. As práticas adotadas revelam uma escola ativa, ou seja, uma escola com proposta pedagógica dirigida à educação integral do ser humano. Uma educação que procurava romper com a histórica separação entre teoria e prática, levantando a bandeira da educação integral, incluindo uma educação voltada para a solidariedade: “Esta última foi, sem dúvida alguma, a pedra de toque do modelo pedagógico produzido pelos sujeitos que ajudaram a fazer a história de uma escola para filhos de operários”.¹⁴

¹³ Righ, D.; Urzua, F. 2013, p. 107.

¹⁴ Barreira, 2005, p. 9-10. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206570_64720284e3f9a4946b4a39f32d1681f3.pdf



QUADRO 1 - Comparativo das principais características da Escola Oficina n.1, de Lisboa, e Escola Moderna n.1, de São Paulo

¹⁵ Escolas	Período	Local	Educador	Principais características	Motivos de seu fechamento	Publicações (Boletins)	Professores anarquistas	Ambiente familiar	Ligação com a maçonaria
Escola Oficina No. 1	1907-1914	Lisboa, Portugal (Bairro da Graça)	Adolfo Lima (1874- 1943)	Educação Integral, liberdade na educação e ensino; oficinas de trabalhos manuais; ensino centrado na criança	Adolfo Lima é desligado da escola em 1914. Continua a defender seus princípios em outras instituições de ensino	O Teatro na Escola; Educação e Ensino – Educação Integral; O ensino de História entre outros.	Adolfo e António Lima, Deolinda Lopes Vieira (Quartim), César Porto, Emílio Costa e José Carlos de Sousa, entre outros.	Trabalhou junto ao irmão Antonio Llima	A escola foi fundada com a ajuda da maçonaria
Escola moderna de São Paulo	1912-1919	São Paulo, Brasil (Bairro do Belenzinho)	João Penteadado (1876- 1965)	Co-educação de sexos e classes sociais, estudos do meio, uso de jornal operário, formação de bibliotecas, uso dos livros editados pela Escola Moderna de Barcelona.	A escola é fechada em 1919 pelas autoridades paulistas. Houve influência da Igreja Católica no episódio de fechamento da escola.	Boletim da Escola Moderna; O Início; textos sobre educação libertária na imprensa operaria (O Trabalhador Gráfico; A Lanterna, A Plebe, entre outros)	João Penteadado, Adelino de Pinho, Florentino de Carvalho, Angelina Soares, Sebastiana e Joaquim Penteadado	Manteve a escola com a ajuda dos irmãos Sebastiana e Joaquim Penteadado	A escola foi fundada com a ajuda da maçonaria

Fonte: As autoras.

ESCOLA NOVA E EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA NO BRASIL

A respeito da circulação das concepções pedagógicas e sua apropriação diversa por diferentes grupos políticos, fazem-se necessárias algumas reflexões iniciais. A proposta da Escola Nova defende a necessidade de mudar os métodos educativos, introduzir inovações pedagógicas, colocando a escola em consonância com os novos caminhos do mundo contemporâneo, mas, diferentemente dos anarquistas, não defendia uma mudança profunda na ordem social vigente. De qualquer forma, as mudanças apresentadas pela Escola Nova situam-se em um cenário no qual, a partir do século XIX, convivem diferentes tendências pedagógicas indicando o esgotamento da Pedagogia Tradicional e para a necessidade de modificações

¹⁵ Tabela original e completa consta na tese disponível em: https://teses.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=17&Itemid=160&id=F7A30B6F57FF&lang=pt-br



significativas na forma de ensinar. Destacamos aqui, que os conceitos de educação racional, científica e integral são comuns às escolas progressistas ou libertárias que se apresentavam como críticas e como alternativas à escola tradicional.

Cabe explicitar que muitas foram as escolas no decorrer da história, a partir do final do Século XIX, designadas como “escolas novas”, tendo como marca, grosso modo, a adoção de experiências educativas de vanguarda em âmbito mundial. Inovaram à medida que respeitavam a natureza global da criança, não cindindo conhecimento e ação, nem atividade intelectual e atividade prática, o que acabou por pavimentar o caminho para o questionamento da dualidade estrutural presente nas configurações de instituições educacionais destinadas aos alunos em função de sua classe social. A defesa da democracia e a promoção da participação ativa na vida social e política, assim como a valorização da autonomia e liberdade pessoal, constituíram importantes características destas escolas.

Com a consolidação do campo das Ciências Sociais e da Psicologia, na segunda metade do Século XIX, estas correntes educacionais passaram a valorizar a contribuição das ciências naturais e sociais, defendendo a secularização da cultura e se inspirando em um ideário democrático e progressista, marcado pela defesa da participação ativa dos cidadãos na vida social e política. Para além de muitos objetivos e aspectos comuns, como já aqui assinalados, também há diferenças entre os vários projetos pedagógicos que as sustentavam, fundamentados em proposições de cunho liberal progressista, socialistas e libertárias. As várias matrizes teóricas, explícitas ou subjacentes aos seus documentos e práticas pedagógicas, podem nos apontar possíveis aproximações entre os diferentes modelos criados sob a ampla sigla escolanovista.

No que se refere às experiências de educação libertária, a primeira a ser registrada é a Escola de Yasnaia Poliana, fundada por Tolstoi em 1849. Durante o ano de 1862 publicou a revista *Educação*. Em seus escritos e em sua prática pedagógica Tolstoi proclama o princípio da liberdade e procura enxergar a educação do ponto de vista da criança. Em sua obra sobre a Escola de Yasnaia Poliana, relata experiências sobre estudo do meio, as mais antigas que se tem registro na história da educação. Em 1880, é fundado o Orphanato Gabriel Prevost, em Cempuis, dirigido por Paul Robin, educador que, inspirado em Bakunin, defendeu o princípio da educação integral e a coeducação dos sexos, colocando em prática os princípios fundamentais de um ensino laico, racionalista, desprovido de hierarquias e integral.

Em 1889, foi criada na Inglaterra, por Cecil Reddie, uma escola progressista cujo ensino buscava atender às exigências de uma sociedade moderna por meio de uma formação integral do aluno. Há alguns outros experimentos, menos progressistas, que exigiam uma infraestrutura



cara, como a “Casa de educação no campo” de Hermann Lietz, na Alemanha. Importa ainda destacar experiências extremamente originais e inovadoras, como o “modelo educativo antiburguês e libertário” de Gustav Wyneken, implementado também na Alemanha, que muito influenciou a juventude de seu país até a Primeira Guerra. Valorizava a iniciativa dos jovens, a autonomia, baniu a autoridade da família e os métodos escolares conformistas, defendendo uma formação escolar que valorizasse as línguas modernas, o conhecimento científico, a natureza – sob a influência do pensamento de Rousseau - o apreço pelo popular, pela vida simples. O modelo de escola nova de Kerschensteiner também se enquadra dentre os mais originais e avançados, com a criação de sua “escola do trabalho”, que foi criada em Mônaco, quando este educador efetuou uma reforma das escolas profissionais pós-elementares. Com formação pedagógica inspirada em Dewey, Kerschensteiner propunha uma renovação do currículo tradicional com a introdução do trabalho.

O trabalho é de fato a atividade fundamental do homem e como tal deve ser posto no centro da atividade infantil, mas deve ser um trabalho preciso e sério, desenvolvido coletivamente e cotado de valor real (isto é, produtivo, mesmo que não-econômico). Para desenvolver tal trabalho as escolas precisam ser dotadas de laboratórios e oficinas aparelhadas. (CAMBI, 1999, p. 517).

O trabalho para este autor deve ser educativo, propiciando formação profissional, moral e social. Se recordarmos os postulados dos discípulos de Rousseau no período pós Revolução Francesa, Condorcet e Lepelletier, que não viam incompatibilidade entre os princípios da liberdade e da igualdade, destoando das correntes preponderantes no liberalismo, enfaticamente defendiam em seus planos de educação pública a educação para ambos os sexos, pública, gratuita, laica e estatal, que possibilitasse aos educandos uma formação que lhes propiciasse autonomia nos planos material, político e moral (CUNHA, 1977). Embora suas ideias tenham sido concebidas há mais de um século antes das primeiras experiências escolanovistas, e ainda não englobassem a adoção dos métodos ativos, é a vertente francesa, herdeira do pensamento de Rousseau, somada a outras contribuições, que iria inspirar, bem depois, a partir de meados da década de 1920, as proposições de Roger Cousinet e Célestin Freinet, que não apenas elaboraram “métodos didáticos bastante significativos e orgânicos, mas também uma constante reflexão sobre os fundamentos teóricos e as implicações políticas características da educação nova” (CAMBI, p. 523). Estes dois autores, mais próximos das formulações socialistas, preocupavam-se com a formação intelectual, física, moral e social, visando ainda desenvolver nos estudantes o espírito de sociabilidade e colaboração.



Esta vinculação entre o fazer e o pensar, e a crença de que os conhecimentos intelectuais ganham sentido se articulados à experiência, estavam presentes nas concepções de Robin, de Proudhon e de outros anarquistas e fazem parte das propostas de Freinet. A concepção do trabalho como princípio educativo nos remete às formulações de Antônio Gramsci, assim como dos educadores da escola do trabalho, da jovem União Soviética, como Pistrak, Krupskaya e Lunatcharsky.

Percebemos que ideias libertárias e concepções próximas ao socialismo circulavam e tinham pontos de contato, características comuns, diferenciando-se de propostas de cunho liberal progressista, mais voltadas para as mudanças metodológicas e a defesa da democracia e valores ligados aos direitos de cidadania, sem aprofundar as críticas ao sistema capitalista.

Muitas outras experiências escolanovistas surgiram ao longo da história, porém a fundamental proposta de Dewey, em Chicago, é de capital importância e mais conhecida no Brasil. Dewey se caracterizou pela aguda percepção do papel político da pedagogia e da educação, que considerava imprescindíveis à construção de uma sociedade democrática, esboçando uma filosofia centralizada na noção de experiência. Viajou para vários países do mundo, Japão, China, Turquia, México, URSS, Escócia, difundindo as suas ideias, expressas por meio de várias obras, publicadas a partir da década de 1920. Considerava que a educação tem o poder de libertador tanto das capacidades intelectuais individuais, quanto das capacidades colaborativas sociais. Inspirada no pragmatismo, sua pedagogia aliava permanentemente teoria e prática, concebendo o fazer do educando como parte central da aprendizagem, ligada às pesquisas das ciências experimentais, que deveriam estar disponíveis ao acesso da educação para a definição de seus próprios problemas, com especial destaque para a psicologia e a sociologia. Opondo-se às marcas que identificava na escola tradicional, o autoritarismo e a abordagem intelectualista, considerava que a criança deveria ser valorizada como protagonista do processo educativo, tendo centralidade no processo de ensino e aprendizagem. Acreditava que a escola deveria se articular às transformações sociais em curso, deveria se tornar uma sociedade em miniatura, “mediante um contato mais estreito com o ambiente e com a realidade social do trabalho”. Além dos laboratórios, Dewey defendia que a escola deveria ter espaço “para a conversação ou comunicação”, “para a pesquisa ou a descoberta”, “para a fabricação ou construção das coisas” e “para a expressão artística”. Atribuía à escola o papel de transformar politicamente a sociedade, combatendo o autoritarismo e a repressão. Apostava no desenvolvimento natural do sujeito e sua ligação com a cultura e as tradições da sociedade, o incentivo ao diálogo e a colaboração de todos em objetivos comuns. Foi incansável defensor



das ciências físicas e sociais e da educação artística “entendida como um processo de fruição e produção do belo”.¹⁶

As concepções pedagógicas e as formulações escolanovistas só iriam se tornar conhecidas e difundidas no Brasil sobretudo a partir da década de 1920, cunhada como a década do “entusiasmo pela educação” e do “otimismo pedagógico” (NAGLE, 1974), quando as reformas estaduais começaram a ser implementadas por diferentes educadores e os debates sobre educação ganharam relevância.

Apesar do consenso presente no texto do Manifesto ao Povo e ao Governo, as posições da chamada Escola Nova não eram homogêneas, havendo muitas diferenças nas abordagens políticas e filosóficas da educação. Almejavam secularizar a cultura, deslocar a escola do “campo familiar, privado e religioso para o espaço público da cidade” (NUNES, 1998, p.2), convergiam na defesa da educação pública, sob a responsabilidade do Estado, propunham a modernização do sistema educacional contrapondo-se à escola tradicional, defendiam a autonomia da atuação educativa e a formação universitária para os professores em todos os níveis, mas não questionavam a sociedade burguesa e apostavam na capacidade civilizatória do capitalismo.

No entanto, alguns de seus representantes avançaram nas proposições democráticas, como é o caso do educador Anísio Teixeira que, orientado pelas concepções de John Dewey, questionou a dualidade estrutural do sistema educacional, em prol de um sistema unificado. Anísio, educador sensível às questões nacionais, à desigualdade social marcante em nosso país, lutou sem tréguas em defesa da escola pública e sua universalização democrática, seu compromisso com os ideais igualitaristas prevaleceu sobre quaisquer interesses particulares, assim como João Penteadó, Adolfo Lima e outros.

Nessa direção, é importante assinalar, por fim, que João Penteadó parece ter se preocupado com o debate e as concepções que circulavam acerca da educação no período e agregou à sua biblioteca livros sobre outras correntes pedagógicas, para além da libertária, inclusive sobre o movimento escolanovista, como a obra *Como pensamos – A Pedagogia Moderna*, de John Dewey.¹⁷

¹⁶ Cambi (1999).

¹⁷ Mate, Santos, Calsavara, (2013, P.92)

¹⁸. [CANDEIAS, 1992, P XIV\) file:///C:/Users/tcals/Downloads/TES%20CAND%201e%202.pdf](file:///C:/Users/tcals/Downloads/TES%20CAND%201e%202.pdf)



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da perspectiva da história comparada, escolhemos um duplo campo de observação: a experiência da escola oficina em Portugal, e da Escola Moderna de São Paulo. O acervo de João Penteadado aponta para várias experiências educativas entre finais do século XIX e início do século XX que influenciaram a sua atuação enquanto fundador e professor na escola moderna de São Paulo. Uma delas é a Escola Oficina de Lisboa, tendo à frente o educador Adolfo Lima. Entre os pontos em comum que podem ser observados, está o fato de as duas escolas surgirem em bairros operários e defenderem o princípio da educação integral. Outras semelhanças podem ser verificadas: a de ambas terem sofrido influência da escola moderna de Barcelona, de Ferrer, e de publicarem por um breve período de tempo um Boletim da escola; de possuírem a preocupação de preparar os alunos para o trabalho - a Escola Moderna de São Paulo acaba se afirmando como Escola de Comércio, enquanto a Escola Oficina desenvolve aulas de trabalhos manuais. Outra coincidência interessante é a de tanto João Penteadado como Adolfo Lima atuarem com o auxílio de seus irmãos: enquanto João Penteadado trouxe, de Jaú, Sebastiana e Joaquim Penteadado para juntos tocarem a escola, Adolfo Lima trabalhou ao lado de seu irmão, Antonio Lima. Outra semelhança que se pode apontar é a presença da maçonaria na fundação das escolas. A esse respeito, Candeias irá salientar “a relativa promiscuidade existente entre o mundo maçônico e o mundo libertário da época”¹⁸.

Se podemos observar todos esses pontos em comum, há um em crucial que se mostra ainda pouco analisado historicamente, tal como procuramos salientar. Enquanto em Portugal parece ter havido uma aproximação (crítica) e até mesmo uma fusão entre a Escola Nova e a educação libertária, no Brasil, não houve o reconhecimento dessa aproximação. Antonio Candeias destaca uma fase claramente libertária da Escola Oficina, com ênfase para dois personagens fundamentais: Adolfo Lima e Luis da Mata:

[...] Tal tipo de intervenção pedagógica estará directa ou indirectamente na origem das novas teorias educativas que vão dar lugar, nos finais do século XIX e princípios do século XX, a um sem-número de experiências, por vezes tão diferentes entre si, mas com pontos comuns, tais como a preocupação de o ensino se "centrar na criança", à utilização dos "métodos activos", entre outras questões, e a que se convencionou chamar de "educação nova."¹⁹

¹⁹ CANDEIAS, 1992, p. 148. Disponível em: <file:///C:/Users/tcals/Downloads/TES%20CAND%201e%202.pdf>



Já a escola Moderna No. 1, após seu fechamento em 1919 recebeu o nome de Escola Nova por um curto período de tempo, e logo passou a se chamar Escola de Comércio Saldanha Marinho.²⁰ No caso brasileiro, os protagonistas da Educação Libertária e seus estudiosos parecem mais interessados não só em distinguir, mas, principalmente, em opor essas concepções teóricas. Sugere-se, com razão, que muitas das ideias pedagógicas anarquistas foram retomadas por correntes posteriores e não foram referenciadas, ou seja, manteve-se a educação libertária em uma historiografia “marginal”. No que se refere à Escola Oficina, é fácil encontrar em qualquer manual de história da educação referências à escola e ao seu mais ilustre professor “anarquista”, mas no caso brasileiro são raros os manuais de História da Educação que mencionam a Escola Moderna No. 1 e a obra de João Penteado entre suas experiências e ideias pedagógicas.

A nosso ver, no caso da educação brasileira merece atenção a circulação de conceitos comuns entre diferentes correntes pedagógicas: Educação integral, educação racionalista, coeducação de sexos e classes sociais, educação para o trabalho, preocupação com a higiene e com a estrutura física da escola, uso de mesas coletivas, aulas ao ar livre, produção de material pedagógico, uso do teatro educativo, do cinema, da imprensa em sala de aula, dos passeios públicos e ou educativos (ou estudos do meio), contra a avaliação classificatória, castigos e sanções, contra lugares fixos para que os alunos se sentassem em sala de aula, conversas informais com os professores sobre leituras e estudos realizados, são algumas das práticas recorrentes entre as experiências de educação libertária. A relação entre educação e trabalho também está explícita nas duas experiências analisadas, na escola oficina e na escola moderna do Belenzinho, ambas instaladas em bairros operários e demonstrando clara preocupação com a formação e a inserção no mercado de trabalho, porém a partir do ponto de vista da educação integral.

Mapear essas experiências educativas como forma de valorizar sua contribuição para a história da educação no Brasil torna-se um programa de pesquisa de grande importância, já que tais experiências apontam para uma crescente circulação e efervescência de ideias no período, cuja apropriação promoveu a fertilização de projetos pedagógicos de diferentes matizes, a criação de escolas, a produção de material didático, a elaboração de reflexões e pesquisas sobre o processo de ensino, as formas de aprendizagem pela criança. Iniciativas educacionais que visavam, em grande parte, a defesa da escola pública e sua contribuição para as mudanças

²⁰ Figueira, M. H. 2004.



sociais, no combate e erradicação das intensas desigualdades que marcam a sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. História dentro da História. In: PINSKY, C. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.

BARREIRA, Luiz Carlos. A função social da escola na ótica de um professor de Sociologia de uma escola operária portuguesa, na transição da monarquia para a república (1907-1914). In: **XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, ANPUH, Londrina, 2005. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206570_64720284e3f9a4946b4a39f32d1681f3.pdf.

BARREIRA, Luiz Carlos. A educação escolar nas páginas do Boletim da Escola-Oficina Nº. 1 de Lisboa: o ensino de ciências. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 4, p. 73-84 jan./jun. 2010. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/2220>.

BARROS, José D'Assunção. História Comparada – da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/rhs/article/view/207/199>.

BLOCH, Marc. Pour une histoire comparée des sociétés européennes. **Revue de Synthèse Historique**, v. 6, p. 15-50, 1928.

CALSAVARA, Tatiana da Silva. **A militância anarquista através das relações mantidas por João Penteado - estratégias de sobrevivência pós anos 20**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-30072012-154255/pt-br.php>. Acesso em: 10 jul. 2019.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

CANDEIAS, António. **Educar de outra forma**: A Escola Oficina Nº 1 de Lisboa: 1905-1930. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1994.

CANDEIAS, António. Lima, Adolfo Ernesto Godfroy de Abreu e. In: NÓVOA, A. (Dir.). **Dicionário de Educadores Portugueses**. Porto: Edições ASA, 2003. p. 736-746.

CANDEIAS, António. A Escola Oficina n.º 1 de Lisboa 1905 -1930: Mudar a escola para mudar o mundo. *Análise Psicológica*, 4 (XI), p. 447-463, 1993. Disponível em: [http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/1698/1/AP%2011\(4\)%20447-463.pdf](http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/1698/1/AP%2011(4)%20447-463.pdf).

CASTRO, Rogério Cunha de. A utopia possível: Paul Robin e o Orfanato Prevóst. In: **ANAIS DO XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, ANPUH. São Paulo, jul. 2011.

CUNHA, Luiz Antonio. **Educação e Desenvolvimento Social no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.



FIGUEIRA, Manuel Henrique. **Um Roteiro da Educação Nova em Portugal**. Escolas Novas e Práticas Pedagógicas Inovadoras (1882-1935). Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

FIGUEIRA, Manuel Henrique. **A Educação Nova em Portugal (1882 - 1935):** semelhanças, particularidades e relações com o movimento homónimo internacional - Parte II. Disponível em: <https://seer.ufg.br/asphe/article/view/30279>

LIMA, Adolfo. **Educação e ensino:** Educação Integral. Lisboa: Guimarães & C^a Editores, 1914.

LIMA, Adolfo. Educação Social. **Educação Social: Revista de Pedagogia e Sociologia**, ano 1, n. 1, p. 1-4, 10 janeiro 1924.

LIMA, Adolfo. A Escola Única: Os seus fundamentos. **Educação Social: Revista de Pedagogia e Sociologia**, ano 1, n. 2, p. 27-29, 25 jan. 1924.

MATE, Cecília Hanna; SANTOS, Luciana; CALSAVARA, Tatiana. Acervo João Penteados: os livros e o Ensino Libertário. In: MORAES, Carmen S. Vidigal (org.). **Educação Libertária no Brasil. Acervo João Penteados:** inventário de Fontes. São Paulo: Ed. FAP-Unifesp e EDUSP, 2013.

MOGARRO, Maria João. O Modelo Pedagógico da Escola Oficina nº 1: corpo, regras e práticas no quotidiano de uma instituição alternativa. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 38, n. 104, p. 63-74, jan./abr., 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v38n104/1678-7110-ccedes-38-104-63.pdf>.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

NOA, Francisco José Cuevas. Disponível em: <https://periodicohumanidad.files.wordpress.com/2009/01/francisco-cuevas-noa-anarquismo-y-educacion.pdf>.

NUNES, Clarice. Historiografia comparada da Escola Nova: algumas questões. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 24, n. 1, São Paulo, jan./jun. 1998.

NUNES, Clarice. Anísio Teixeira: a poesia da ação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 16, jan./fev./mar./abr. 2001.

RIGH, Daniel; URZUA, Flávia. As imagens no arquivo João Penteados. In: MORAES, Carmen S. Vidigal (org.). **Educação Libertária no Brasil. Acervo João Penteados:** Inventário de Fontes. São Paulo: Ed. FAP-Unifesp e EDUSP, 2013.

ROMANELLI, Otaíza. **História da Educação no Brasil – 1930-1973**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

Recebido em: 12 de setembro de 2022
Aceito em: 23 de dezembro de 2022